



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E AGRÁRIAS – CAMPUS III**  
**DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA FLÁVIA GOMES DE MEDEIROS**

**POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**BANANEIRAS-PB**

**2023**

ANA FLÁVIA GOMES DE MEDEIROS

**POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado a Universidade Federal da Paraíba,  
Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias –  
Campus III, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>, Vivian Galdino  
de Andrade, como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de Licenciatura em Pedagogia.

BANANEIRAS

2023

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M488p Medeiros, Ana Flávia Gomes de.

Por uma educação antirracista: o debate das relações étnico-raciais na educação infantil / Ana Flávia Gomes de Medeiros. - Bananeiras, 2023.

25 f. : il.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vivian Galdino de Andrade.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Literatura Africana. 2. Educação Infantil. 3. Educação Antirracista. I. Vivian Galdino de Andrade. II. Título.

UFPB/CCHSA-BANANEIRAS

CDU 37 (042)

**ANA FLÁVIA GOMES DE MEDEIROS**

**POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo aprovado em: 06/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **VIVIAN GALDINO DE ANDRADE**  
Data: 21/05/2025 10:11:48 -0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Vivian Galdino de Andrade

**Orientadora**



---

Prof. Dra. Luciene Chaves de Aquino

**Examinador/a Titular**

Documento assinado digitalmente  
 **FABRICIA SOUSA MONTENEGRO**  
Data: 12/05/2025 18:15:48 -0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Fabrícia Sousa Montenegro

**Examinador/a Titular**

## POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Flávia Gomes de Medeiros<sup>1</sup>

### RESUMO:

A necessidade de desenvolver mais pesquisas que debatam o tema das relações étnico raciais no curso de Pedagogia do CCHSA foi o cerne que guiou essa pesquisa. O presente estudo trata de uma proposta de educação antirracista na Educação Infantil, a partir da literatura africana infantil, um significativo recurso que problematiza temáticas da Lei 10.639/2003 em sala de aula. Os objetivos que permearam essa pesquisa foram: 1. Refletir sobre uma educação antirracista a partir da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira (2004); 2. Analisar 10 livros de literatura africana, refletindo sobre suas histórias e desdobramentos na perspectiva de uma educação antirracista; e 3. Desenvolver uma intervenção numa turma de educação infantil com a temática da literatura africana infantil. Essa pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório, foi desenvolvida metodologicamente em duas etapas: a primeira composta pela análise de dez obras de literatura infantil africana, disponíveis para acesso em afrotecas, que problematizam temas como o respeito à diversidade e a valorização da cultura negra. Enquanto a segunda se deu pela realização de uma intervenção numa turma de educação infantil, a partir do reconto do livro *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019). Ao final deste trabalho destaca-se que temas que perpassam as relações étnico-raciais são possíveis de serem discutidos em qualquer área e nível de ensino. O debate deste tema fortalece a compreensão da nossa história e da nossa cultura, sendo restrito e limitado quando só discutido em períodos festivos e obrigatórios, como o dia da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro.

**Palavras-chave:** Literatura Africana, Educação Infantil, Educação Antirracista.

### ABSTRACT:

The need to develop more research addressing the topic of ethnic-racial relations in the Pedagogy course at CCHSA was the core that guided this study. This research presents a proposal for anti-racist education in Early Childhood Education, based on African children's literature — a significant resource that addresses themes from Law 10.639/2003 in the classroom. The objectives that guided this research were: (1) To reflect on anti-racist education based on Law 10.639/2003 and the National Curriculum Guidelines for the education of ethnic-racial relations and for the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture (2004); (2) To analyze 10 African children's books, reflecting on their stories and implications from the perspective of anti-racist education; and (3) To carry out an intervention in an early childhood education class using African children's literature. This qualitative and exploratory research was methodologically developed in two stages: the first consisted of analyzing ten African children's books, available in Afro-themed

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba/ UFPB/CCHSA - Campus III. <[ana.flavia3@academico.ufpb.br](mailto:ana.flavia3@academico.ufpb.br)>.

libraries, that address themes such as respect for diversity and the appreciation of Black culture. The second stage involved an educational intervention in a preschool class, based on the storytelling of the book *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019). This study concludes that themes involving ethnic-racial relations can be addressed in any subject area and level of education. Discussing this topic strengthens our understanding of history and culture, which is restricted and limited when only addressed during festive or obligatory periods, such as Black Awareness Day, celebrated on November 20th.

**Keywords:** African Literature, Early Childhood Education, Anti-Racist Education.

## 1. CONHECENDO OS PASSOS INTRODUTÓRIOS DA PESQUISA

As discussões sobre a história e a cultura africana nunca fizeram parte de meu cotidiano escolar. Como futura pedagoga enxerguei a necessidade de enfatizar a importância de uma educação antirracista nas minhas salas de aula, com o intuito de me aprimorar nesses aspectos tão fundamentais para meu desenvolvimento profissional, mas também pessoal. Saber lidar com eventuais situações preconceituosas dentro e fora da sala de aula é, atualmente, um pilar necessário para o bom convívio social.

Além disso, a justificativa desse trabalho surge da necessidade de desenvolver mais pesquisas que debatam o tema das relações étnico raciais no curso de Pedagogia do CCHSA, uma área ainda pouca discutida no âmbito dos trabalhos de conclusão de curso.

A experiência nos estágios ofertados no curso de Pedagogia, conduziram-se ao estudo desse tema, visto que, nos estágios escolares, a ausência de temas relacionados as relações étnico-raciais era notória durante a minha formação, a não ser quando se planejava atividades comemorativas em alusão ao Dia da Consciência Negra<sup>2</sup>. Outro aspecto também se alinha a essa discussão, quando na trajetória da minha vida escolar não tive acesso a práticas de ensino relacionadas a esse tema.

Diante disso, tomar como mote o debate sobre uma educação antirracista no contexto da Educação Infantil passou a motivar a minha reflexão para este trabalho de conclusão de curso. Como uma professora em formação, acredito que discutir a diversidade e a pluralidade na escola

---

<sup>2</sup> "O Dia da Consciência Negra entrou no calendário escolar a partir da sanção da Lei 10.639/03, que obriga o estudo do ensino de História e cultura africana e afro-brasileira. Esse dia ganhou visibilidade pela primeira vez em 1971, quando o grupo pioneiro formado por Antônio Carlos Côrtes, Oliveira Silveira, Ilmo da Silva, Vilmar Nunes, Jorge Antônio dos Santos e Luiz Paulo Assis Santos, que constituíam o Grupo Palmares (uma associação que realizava estudos sobre a história e a cultura negra) realizou um ato evocativo à resistência negra na noite do dia 20 de novembro no clube Marcílio Dias, em Porto Alegre. O evento valorizava "o herói Zumbi dos Palmares". Fonte: Agência Senado. Acesso em 27 de out. de 2003.

contribui para a construção social e cidadã dos indivíduos, conduzindo a uma educação que supere o racismo e as desigualdades.

Sendo assim, inúmeras são as estratégias pedagógicas que podem estar voltadas para as questões de cunho étnico-racial na sala de aula, especialmente na educação básica. Para este trabalho, selecionei o tema da literatura africana infantil<sup>3</sup>, por acreditar que ela auxilia na desconstrução de estereótipos, estimulando o respeito às diferenças.

A literatura africana, como um recurso didático, proporciona aos alunos um espaço de discussão e conscientização das relações étnico-raciais, visto que, a literatura “[...]nos leva de modo peculiar a viver outras experiências e a enxergar o mundo e as pessoas de outras formas” (CARVALHO e FILHO, 2020 p.11). Além disso a literatura africana pode contribuir na valorização de uma cultura, na representatividade de um grupo costumeiramente esquecido na narrativa histórica e na formação de leitores críticos, levando-os a refletir sobre sentimentos e atitudes atreladas à discriminação racial, problematizando condutas discriminatórias.

A Lei 10.639/2003 demarca o início de um sistema educacional brasileiro voltado para o reconhecimento e a valorização da diversidade de identidades, histórias e culturas da população negra. Sua complementação se deu a partir da sanção da Lei 11.645/2008, que institui no currículo a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura indígena. Por meio dessa legislação se tornou possível pensar no tripé que deu início a formação da sociedade brasileira, a partir da presença de brancos, negros e indígenas no Brasil.

Vale ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (CNE/CP nº. 01 de 17 de junho de 2004) estabelece os conteúdos que devem ser incluídos e trabalhados em sala de aula, além de sugestões de atividades que ampliam os debates nos currículos escolares, em todos os níveis e modalidades de ensino.

Essa base legal institui uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, que é “[...] um conjunto de práticas, conceitos e referenciais que pretende formar no âmbito das instituições de ensino público e particular uma cultura de convivência respeitosa, solidária, humana entre públicos de diferentes origens, pertencimentos étnico-raciais presentes no Brasil) (CARTH, 2013, p. 1).

Ainda nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) era possível encontrar a indicação de propostas pedagógicas que

---

<sup>3</sup> Neste trabalho de conclusão de curso chamo de “literatura africana infantil” livros de autores que discutem a temática proposta pela Lei 10.639/03, independente de sua nacionalidade.

[...] deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação. (BRASIL, 2010, p. 21).

Não diferentemente temos a Base Nacional Comum Curricular (2018), que estabelece o debate das relações étnico raciais como necessário e transversal, principalmente no desenvolvimento das competências gerais. Segundo o documento, a competência geral 9 institui o

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BNCC, 2018 p. 9).

A educação antirracista existe para dar visibilidade a esse debate, objetivando combater o racismo e garantir direitos. Por isso, o presente estudo tem como foco principal refletir uma educação antirracista na Educação Infantil, a fim de contribuir para a construção social dos indivíduos, acarretando uma educação que combata o racismo e as desigualdades.

É importante analisar estratégias pedagógicas voltadas para questões de cunho étnico-racial em sala de aula, especialmente na educação básica. De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei 10.639/2003:

O papel da Educação Infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2004).

Desse modo, a Lei enfatiza que a educação infantil é uma etapa significativa para a formação social e intelectual da criança, estando a escola a desenvolver um papel fundamental ao possibilitar o desenvolvimento de atividades que valorizem os grupos étnico-raciais. Essa instituição não deve ser apenas um ambiente de ensino de conteúdos, mas principalmente um espaço onde se aprende valores, hábitos e princípios, que ecoam no respeito à diversidade.

Diante do exposto, o **objetivo geral** desse trabalho está em discutir a literatura africana infantil como uma estratégia educativa antirracista na educação infantil, contribuindo para o debate da diversidade cultural. Os objetivos específicos são: 1. Refletir sobre uma educação antirracista a partir da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações

étnico-raciais e para o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira (2004); 2. Analisar 10 livros de literatura africana infantil, refletindo sobre suas histórias e desdobramentos na perspectiva de uma educação antirracista; e 3. Desenvolver uma intervenção numa turma de educação infantil com a temática da literatura africana infantil.

A presente pesquisa, que gerou este trabalho, se caracteriza como qualitativa e de caráter exploratório. Isto é, traz o intuito de levar o pesquisador a analisar novas descobertas e percepções, de maneira fundamentada e bem direcionada (MARTELLI, et Al., 2020, p.474). Duas etapas compuseram as fases metodológicas desta pesquisa, a primeira esteve permeada pela análise de dez obras de literatura infantil africana (disponibilizadas em afrotecas virtuais), que foram selecionados de forma aleatória, a partir do debate do tema, da apresentação do autor e das reflexões que ecoam.

Tabela 1: Obras literárias analisadas

<b>TÍTULO DA OBRA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>EDITORA</b>	<b>ANO</b>
Memórias das palavras	Rogério Barbosa	Fund, Roberto Marinho	2006
Cabelo de Lêlê	Valéria Belém	Companhia Editora Nacional	2007
Bruna e a Galinha D' Angola	Gercilga Almeida	Pallas	2009
Meninas Negras	Madu Costa	Mazza Edições	2010
Que cor é a minha cor?	Martha Rodrigues	Mazza Edições	2011
Cada um é de um jeito e cada jeito é de um	Lucimar Rosa Dias	Alvorada	2012
Menino Marrom	Ziraldo Pinto	Melhoramento	2012
Meu crespo é de rainha	Bell Hooks	Boitatá	2018
Os mil cabelos de Ritinha	Paloma Monteiro	Semente Editorial	2019
Minha Mãe é Negra, Sim!	Patrícia Santana	Mazza Edições	2021

Fonte: tabela produzida pela autora, 2023.

A segunda se deu pela realização de uma intervenção numa turma de Pré I da Escola Maria José de Albuquerque, situada no município de Arara/PB. Lá desenvolvemos uma contação de história baseada na obra *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019), com objetivo de promover o debate das relações étnico-raciais no chão da sala de aula<sup>4</sup>. A turma possui dezoito alunos, com perfil socioeconômico baixo. As estratégias utilizadas na intervenção foram a contação literária, momentos de discussão e reflexão, além de atividades interligadas com a leitura, melhor detalhadas no quarto tópico deste artigo.

<sup>4</sup> Consulte o plano de aula no anexo deste trabalho.

## 2. A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA LEI 10.639/2003

A Lei 10.639 foi sancionada pelo presidente da República, a época, Luís Inácio Lula da Silva em nove de janeiro de 2003. Ela estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos estabelecimentos da Educação Básica. A obrigatoriedade estabelecida na Lei vem para romper com uma “história única”, regida por um currículo eurocêntrico, que privilegiou apenas uma versão da História. A Lei traz o poder de recontar fatos, ressignificar conteúdos, termos e conceitos.

Chimamanda Nogozi Adichie, em seu livro *O perigo de uma história única* (2019), destaca o risco da existência de história sobrepostas, questionando uma representatividade única. O conhecimento de apenas um lado da história pode enaltecer nações e invisibilizar diversos grupos humanos, hierarquizando o personagem branco em detrimento das múltiplas outras formas de existência.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para as relações étnico-raciais (2004) promovem a discussão da realidade vivenciada pela população negra como parte integrante das trilhas que norteiam o rumo para uma sociedade democrática, justa e igualitária, podendo reverter atitudes preconceituosas, discriminatórias e racistas. Legislações como a Lei 10.639/03 representam um avanço significativo para o reconhecimento dos movimentos sociais em prol da luta pela igualdade social brasileira, proporcionando aspectos positivos para o que denominam como uma educação antirracista.

De acordo com Troyna e Carrington (1990, p. 1), a Educação Antirracista “refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional, tanto do currículo oculto como do currículo formal”.

A Lei 10.639/03 chega para rever muitas concepções que são tratadas de forma equivocada, como por exemplo, a existência de uma imagem, sempre de sentido pejorativo, preconceituoso, sobre o continente africano. Como reflete Chimamanda Nogozi (2019), ao citar uma de suas experiências, uma única imagem da África ficou sacramentada no imaginário popular, a de um continente pobre e sofrido. Ela cita: “Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena” (ADICHIE, 2019, p.17).

Concebida muitas vezes como um país de uma única imagem, o continente africano, composto por 55 países, traz inúmeras línguas (nativas e oficiais) e culturas, sendo ainda desconhecido por muitos brasileiros, mesmo diante de sua importância na formação da sociedade brasileira. Segundo o Plano Nacional de Implementação:

A Lei 10.639/2003 não é apenas instrumento de orientação para o combate à discriminação. É uma Lei afirmativa, no sentido de que reconhece a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância da escola em promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos (BRASIL, 2004, p.3).

Nesse contexto educacional, é na fase da educação infantil que se inicia a construção do caráter e desenvolvimento do indivíduo como um ser participante e ativo na sociedade. Como fundamenta o Plano Nacional de Implementação da Lei N° 10.639/2003;

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL, 2004, p. 34).

Como descreve Silva (2005) a escola, neste caso o espaço de educação infantil, tem um papel de auxiliar a criança na formação de sua identidade, identificando, corrigindo e ensinando que a diferença pode ser bela e que a diversidade pode ser enriquecedora. É o que endossa o antropólogo Kabengele Munanga<sup>5</sup> (2005), quando ressalta que não existem fórmulas e nem receitas prontas para uma educação antirracista, mas sim o foco e a iniciativa de estimular o conhecimento da diversidade cultural, de levar a imaginação e a criatividade para novos horizontes.

A permanência de uma única imagem e cultura ideal é propagada por anos, segundo Silva (2005, p.21), no livro didático. É nele que “a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre

---

<sup>5</sup> “Kabengele Munanga é antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira. Munanga organizou o livro “Superando o racismo na escola” (1999), obra que contém textos de 11 (onze) autores que são professores e especialistas em educação. A obra em questão foi editada pelo Ministério da Educação em 1999, e recebeu contribuições do Grupo Interministerial para Valorização da População Negra (GTI da população negra)”. (Fonte: LIMA, Et. Al, 2019, p.1)

outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência”. Ou seja, os livros didáticos apresentam estereótipos que inferiorizam o negro e os povos indígenas, acarretando numa não identificação cultural. Como aponta o autor, “A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado” (SILVA, 2005, p.24),

Munanga e Gomes (2006, p.52) nos alertam sobre a complexidade desse tema, inclusive ao relacionar esse debate com a origem do termo racismo. Para os autores,

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Ao discutir a superação do racismo na escola<sup>6</sup>, em obra de mesmo nome, Munanga e os demais autores “tratam da desconstrução do preconceito e da discriminação racial”, tomando a escola com um lugar privilegiado para o conhecimento de outras culturas, para a valorização dos sujeitos nelas destacados e para a propagação de uma educação antirracista.

Neste âmbito, o papel do docente é de fundamental importância, é o que aponta Gomes (2005, p.147) quando cita que: “Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/ realidade social/ diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras”.

Os professores precisam ter comprometimento com esse debate e com as formas que eles são representados, afinal “É preciso que as práticas pedagógicas sejam orientadas por princípios éticos que norteiem as relações estabelecidas entre professores, pais e alunos no interior das escolas brasileiras. E é necessário inserir a discussão sobre o tratamento que a escola tem dado às relações raciais no interior desse debate” (GOMES, 2005, p.152).

---

<sup>6</sup> MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 1999. 204 p.

### 3. LITERATURA AFRICANA INFANTIL: UM POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A contribuição da literatura para o processo de ensino e aprendizagem auxilia na formação social do indivíduo, colaborando para o desenvolvimento de aspectos intelectuais, cognitivos, emocionais, afetivos, bem como o senso-crítico, raciocínio lógico e oralidade. Contudo, para que a literatura possa fazer parte dessa formação, as crianças precisam ter acesso a diferentes tipos de gêneros, temas, autores, acarretando nas descobertas de diferentes culturas.

Como afirma Rocha (et Al., 2021, p.65) “a literatura afro-brasileira, se usada de forma comprometida, tendo em vista a desconstrução de estereótipos e preconceitos racistas, pode ser uma grande aliada na formação da identidade étnico-racial, na valorização da cultura negra e no combate ao racismo”. Como endossa o autor, a literatura africana infantil pode ser tomada como um instrumento de comunicação cultural, pois auxilia no processo de formação da criança, além de contribuir na construção da identidade social infantil, pois – por meio dela, a criança possui uma visão de mundo mais ampla e real, descobrindo novas formas de sujeito e de subjetividades.

Nessa pesquisa, como já citamos, tomamos 10 livros infantis de literatura africana, que como paradidáticos refletem histórias de valorização de uma cultura e de um determinado grupo social. Disponíveis nas mais diversas afrotecas virtuais<sup>7</sup> esse material pode ser conseguido de maneira ampla na rede mundial de computadores. Os que apresento aqui foram coletados no acervo pessoal da professora Vivian Galdino de Andrade, construído ao longo do componente curricular “Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Africana Afro-brasileira e Indígena”, vinculado ao curso de Pedagogia, onde a mesma leciona. São eles: *Minha Mãe é Negra, Sim!* (2021), *Meninas Negras* (2010), *Bruna e a Galinha D’ Angola* (2009), *Que cor é a minha cor?* (2011), *Meu crespo é de rainha* (2018), *Menino Marrom* (2012), *Memórias das palavras* (2006), *Cabelo de Lêlê* (2007), *Cada um é de um jeito e cada jeito é de um* (2012).

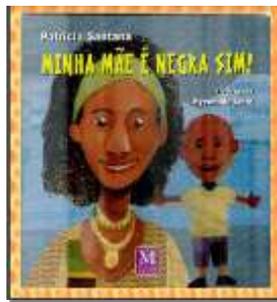
Os critérios que utilizei para análise das obras buscavam investigar: 1, o nome do autor e da editora (o que assegurou garantir que os livros possuíssem qualidade literária, produzido por um especialista da área, como a editora Mazza Edições, que foca no compromisso de divulgar a cultura brasileira e africana aos seus leitores); 2. Endereçamento (livros que fossem recomendados ao público infantil e aos primeiros anos do Ensino fundamental, ou seja, com faixa etária entre 3 a 10 anos); 3. Obras que correspondessem as demandas da Lei 10.639/2003; 4. Qualidade visual,

---

<sup>7</sup> Acesse a Afroteca “Biblioteca Virtual Afrocentrada” em: <https://www.talentoeducacao.com.br/pdf/afroteca.pdf>. Manuais, como o que foi produzido pelo Grupo Companhia das Letras Para Apoiar também podem ser acessados no seguinte endereço eletrônico: <https://www.companhiadasletras.com.br/>. Acesso em 31 de out. 2023.

como a capa e o título, que também foram submetidos a análise (a capa é o primeiro contato com o leitor, quando bem ilustrada oferece a criança experiências estéticas, que enriquecem o repertório e estimulam o prazer pela leitura).

O primeiro livro que apresento é “*Minha Mãe é Negra Sim!*”, de autoria de Patrícia Santana e ilustrações de Hyvanildo Leite. Publicado pela editora Mazza edições, no ano de 2021, a história evidencia a valorização da identidade do povo negro, pois retrata um ato preconceituoso, quando a professora do menino Eno exige que ele pinte a sua mãe que era negra, da cor amarela. Isso causou na criança um misto de emoções, porém com ajuda do seu avô, Eno compreendeu que as pessoas negras sofreram e ainda sofrem para serem aceitas. Com isso, o menino enaltece sua cor e a cor de sua mãe, relacionando a cor à sua identidade.



**Ilustração 1: Capa *Minha Mãe é Negra Sim!***

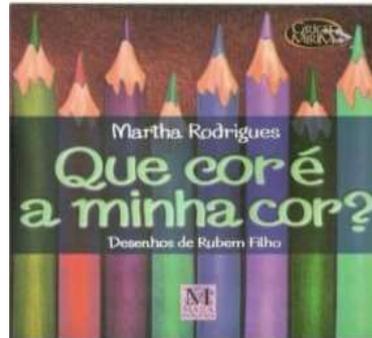
O segundo livro analisado tem como título “*Meninas Negras*”, de autoria de Madu Costa e com ilustrações de Rubem Filho. Foi publicado pela editora Mazza edições, no ano de 2010. O livro fala da vida e dos sonhos de 3 meninas negras, que aprendem e respeitam sua ancestralidade africana. Ele reforça a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor.



**Ilustração 2: *Meninas Negras***

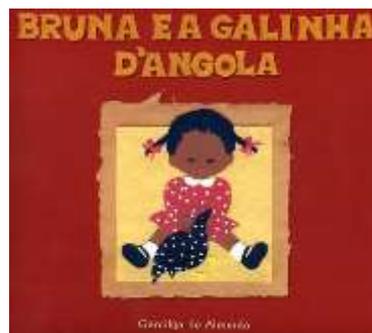
A obra de Martha Rodrigues, tem como título *Que Cor é a Minha Cor?* Com ilustração de Rubem Filho, foi publicada pela editora Mazza edições no ano de 2011. Retrata a história de uma menina, que conta como surgiu sua cor, ou melhor dizendo as cores, enfatizando a sua autoestima

pela sua identidade afrodescendente, além de evidenciar a diversidade de raças que o Brasil possui, de onde surgiram várias cores.



**Ilustração 3: Que cor é a minha cor?**

*Bruna e a Galinha D'angola*, é a quarta obra trazida. De autoria de Gercilga de Almeida e ilustrações de Valéria Saraiva, foi publicada pela editora Pallas no ano de 2009. A literatura conta a história de uma menina – Bruna - e sua galinha da angola. Bruna era uma criança solitária e gostava de ouvir histórias da sua avó, a mesma lhe presenteou com uma galinha da angola de verdade, igualzinha a da história favorita de Bruna. Certo dia, sua galinha Conquém, como era chamada, achou um baú que possuía um panô, com representações históricas, enfatizando a criação do mundo. Ou seja, o conto traz representações figurativas e a história de seus antepassados, enaltecendo a cultura, a crenças e os valores africanos.



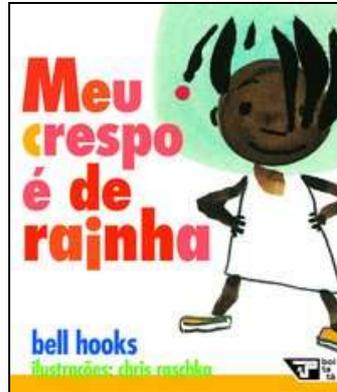
**Ilustração 4: Bruna e a Galinha D'Angola**

Uma história escrita por Bell Hooks<sup>8</sup>, *Meu Crespo é de Rainha* é a quinta obra selecionada. Com ilustrações de Chris Raschka, foi publicado pela editora Boitatá no ano de 2018. O Livro

---

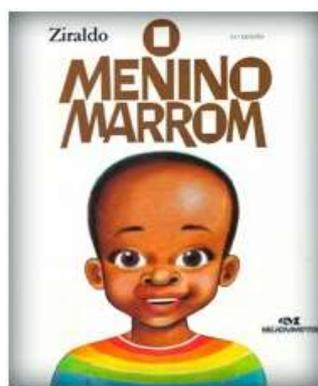
<sup>8</sup> “Bell Hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Batizada com o nome de **Gloria Jean Watkins**, nasceu em Hopkinsville, ao sul dos EUA em 25 de setembro de 1952. Com uma longa trajetória acadêmica, Bell escreveu e publicou mais de 30 livros, em que apresenta sua visão de mundo empática e de resistência”. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bell\\_hooks/](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/). Acesso em 31 de out. de 2023.

enaltece as características visuais relacionadas ao cabelo, evidenciando vários tipos de penteados e texturas afro. Uma iniciativa de valorizar o cabelo afro como um marco da identidade étnico e racial.



**Ilustração 5: Meu Crespo é de Rainha**

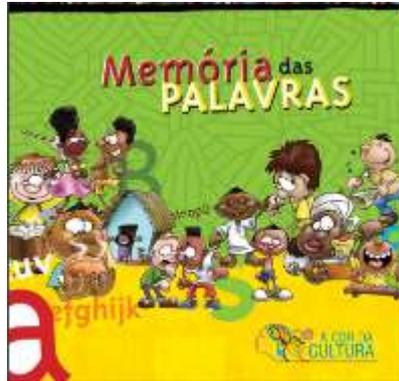
O livro *O menino Marrom*, a sexta obra, é de autoria e ilustrações de Ziraldo Pinto. Foi publicado pela editora Melhoramento no ano de 2012. A literatura conta a história de dois amigos, um menino “marrom” e um menino “cor de rosa”, que fazem descobertas relacionadas a cor da pele e a vários outros aspectos, ambos crescem e se distanciam, mas a amizade e o respeito prevalecem. O livro reflete sobre uma única representação produzida sobre o ser negro e a necessidade que a sociedade possui em ter estereótipos (o preto como o contrário do branco). O menino marrom não se sente representado, e enfatiza: “preto é apenas a ausência do branco”.



**Ilustração 6: O Menino Marrom**

*Memória das Palavras*, sétimo livro, foi escrito por Rogério Andrade Barbosa e tem a ilustração realizada por Ednei Marx. Ele foi publicado pela Fundação Roberto Marinho em 2006. É uma literatura bibliográfica, um dicionário que contém palavras que são usadas no dia a dia, que possuem origem africana. Um livro rico em conhecimento, que faz com que o indivíduo enxergue

e reconheça a importância dos sujeitos africanos como base para a construção da sociedade brasileira. Eles colaboraram para a composição de uma ampla variedade linguística do nosso país.



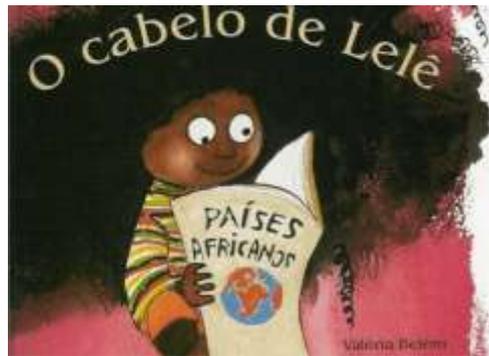
**Ilustração 7: Memórias das Palavras**

*Cada um com seu jeito, cada jeito é de um* é o oitavo livro selecionado. Escrito por Lucimar Rosa Dias, foi ilustrado por Sandra Lavandeira e publicado pela editora Alvorada, no ano de 2012. O livro conta a história de uma menina sapeca que gosta de fazer várias coisas, na sua família cada um tem seu jeitinho, com suas particularidades. A Luanda, ama tudo nela, a cor da sua pele, seu sorriso, sua altura e o seu cabelo, todos os dias ela pede algum peteado novo. Uma história que retrata bem a autoestima de Luanda e a valorização das diferenças, onde apresentando uma família cuja características físicas e modos de ser são construídos de forma especial e única.



**Ilustração 8: Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!**

*O cabelo de Lelê*, escrito por Valêria Belém e ilustrado por Adriana Mendonça, é nona obra apresentada. Foi publicada pela editora Companhia Editora Nacional no ano de 2007. Lelê era uma menina com muito cabelo, que não gostava do que via. Ao longo da narrativa, ela se descobre e busca valorizar seu cabelo e sua história, por fim Lelê acaba gostando do que vê. Lelê aprendeu a reconhecer seus antepassados, o que favoreceu sua autoestima.



**Ilustração 10: Cabelo de Lelé**

Todos esses livros possuem uma temática em comum, o ser negro/negra, trazendo temas relacionados as questões étnico-raciais, fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem voltado para uma educação antirracista. Tais literaturas transmitem conceitos fundamentais para o desenvolvimento individual e para a quebra dos preconceitos. Eles lidam com a representatividade, a diversidade cultural, o empoderamento pelo sentido do cabelo e a autoestima advinda da aceitação e do prazer de ser o que se é. Santos (et Al., 2022, p.11) cita que

A representatividade na literatura infantil é uma expressão social para o aumento da autoestima. A representação positiva de personagens possibilita uma construção do indivíduo enquanto sujeito, realizando-se um processo que demonstra que determinado grupo pode alcançar posições importantes, como o de ser o protagonista da sua própria história.

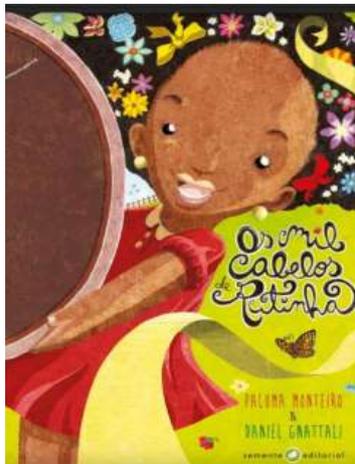
A representatividade assume um papel fundamental na construção social da criança negra, pois acarreta a autoidentificação, possibilitando que essa criança cresça demonstrando segurança e orgulho quanto à sua identidade. Essas obras ensinam a reconhecer a diferença de maneira afirmativa, possibilitando a desconstrução de vários preconceitos e a valorização cultural, além de se tornarem símbolos da luta contra o racismo no chão da escola.

### **3 'OS MIL CABELOS DE RITINHA': A TEMÁTICA DA LITERATURA AFRICANA INFANTIL NA ESCOLA MARIA JOSÉ DE ALBUQUERQUE**

Ao discutir a literatura infantil africana e afro-brasileira como tema de pesquisa pensamos em desenvolver uma intervenção, com o intuito de levar para sala de aula questões étnico-raciais a partir da contação de histórias.

Tal experiência, como já fora anunciada, foi desenvolvida em uma escola municipal de Educação Infantil, a escola Maria José de Albuquerque, localizada na cidade de Arara/ PB. Optei por desenvolver essa intervenção nessa instituição porque foi lá que vivenciei meu estágio. A escola é muito receptiva e permite o acesso de estagiários. A intervenção foi aplicada na turma Pré I, composta por dezoito crianças, sendo 8 meninas e 10 meninos, com a faixa etária entre 3 e 4 anos. A ideia era promover novos olhares a respeito das diferenças e enfatizar a identificação positiva da autoimagem de forma sensível e natural. Ou seja, possibilitar que as crianças se alinhassem com a narrativa da história, proporcionando uma identificação. Com isso, a criança leitora refletiria sobre seu papel social e se orgulharia da sua identidade étnica.

Foi a partir da contação de história que desenvolvemos essa intervenção. Minha escolha foi pelo livro *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019), de Paloma Monteiro.



**Ilustração 10: Os Mil Cabelos de Ritinha**

A literatura de Paloma Monteiro foi ilustrada por Daniel Gnattali e publicada pela editora Semente Editorial, no ano de 2019. O livro já se encontra em sua 2ª edição, e conta a história de Ritinha, uma menina que fazia um penteado diferente todos os dias. O conto enfatiza a importância da valorização do cabelo negro e as diversas possibilidades de enaltecê-lo, proporcionando a valorização da estética cultural do povo negro.

Essa rica literatura evidencia a valorização da identidade visual da criança negra, mas também possibilita trabalhar outras questões, como o protagonismo negro, a representatividade, a autoestima, o autocuidado e o cuidado parental, o afeto e o cotidiano temporal.

Na escola, essa literatura foi tomada como recurso didático. Sua leitura foi realizada de maneira lúdica, com o auxílio de uma caixa literária confeccionada de acordo com a narrativa, sendo bastante atrativa, pois proporcionava que as crianças pudessem, de fato, “mergulhar” no universo literário. Como apontam Santos (et Al., 2013, p.4)

O lúdico existente na literatura infantil aflora a fantasia e, por meio da imaginação a criança mergulha no mundo do faz-de-conta e ativa situações corriqueiras em sua vida cotidiana. A relação entre o mundo imaginário e o real contribui para que a criança aprenda lições de vida, a respeitar as diferenças e, principalmente, conviver com o outro.

A ludicidade, na educação infantil, é um aspecto essencial para o desenvolvimento da leitura, pois possibilita que a criança seja cativada e atraída pela literatura, além de contribuir significativamente para o processo de aprendizagem dos alunos. Desse modo, a contação do livro *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019) se deu no chão da sala de aula, as cadeiras foram colocadas em meia lua, para adquirir mais espaço e possibilitar conforto.

Foto 1



Foto 2



**Fonte:** Acervo Pessoal, 2023

Após a leitura, realizamos uma roda de conversa para debate do livro. Diante disso, problematizamos a leitura com o levantar de questionamentos, como: O que acharam do livro? Quem gostou? O que a história queria transmitir? Quem era Ritinha? Qual era a cor de Ritinha? Como era o cabelo de Ritinha? Quais eram os cabelos que Ritinha usava? Quantos cabelos aparecerem na história? Se alguém da turma possuía semelhança com ela ou não? Sobre que aspectos? A ideia era deixar ecoar as vozes infantis, escutá-las e dar protagonismo a elas.

As crianças expressaram-se de forma positiva em relação a história, e de maneira mais geral mencionavam: “Gostei de Ritinha”, “Ela é linda”, “Eu gostei da história”. Sobre a temática do cabelo expressaram: “Ritinha tem vários cabelos”, “O cabelo de Ritinha parece com o meu”, “Minha mãe também arruma meu cabelo”, “Eu gostei de todos os cabelos dela”, “Eu gostei do último penteado”. O cabelo crespo e o tom da pele de Ritinha constituem os marcadores fenótipos

de um corpo negro, isto é, as características morfológicas que constituem a aparência de um indivíduo. Para o Movimento Negro<sup>9</sup>, o cabelo representa mais que um traço estético, simboliza resistência e luta, empoderamento e representatividade de uma identidade cultural. Para Gomes (2020, p.202)

As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola.

É sobre o cabelo que muitos estereótipos são criados dentro de uma instituição escolar, preconceitos que ultrapassam o tempo, reforçando estigmas e padrões de moda. Dialogar com as crianças sobre o “cabelo de Ritinha” foi ampliar o debate sobre as relações étnico-raciais e trazer para mais próximo das crianças temas dessa área.

As reflexões de como devemos respeitar as diferenças, sejam elas focadas no cabelo, na cor da pele ou nas características culturais foram trazidas para a roda de debates. Todos, no início, ficaram calados, mas em seguida, começaram a balbuciar: “*Sim Tia, não devemos bater nos colegas*”, “*Respeitar e amar né tia*”. Perguntei a eles se sabiam que Ritinha e seu povo, os africanos e afro-brasileiros, ajudaram a construir nosso país?, se eles sabiam que somos, de alguma maneira, provenientes desses povos?. As respostas demoraram e paulatinamente vieram por meio de falas como: “*Não sabia!*”, “*Não, como assim?*”.

As reflexões sobre a participação dos povos africanos na constituição de nossa cultura continuaram. Questionei: “Alguém conhece a dança Capoeira<sup>10</sup>?”. Quase todos levantaram a mão! Refleti com eles sobre essa luta e falei que foram os descendentes de Ritinha que trouxeram para o Brasil. Todos ficaram supresos e enfatizaram que gostavam, ou que já haviam visto ou que alguém da família já tinha dançado. Por fim, evidenciei que a cultura afro-brasileira está interligada com a nossa cultura, que parte de nosso vocabulário também é constituída por palavras africanas, e enfatizei quanto mais deveríamos conhecer, respeitar e valorizar os povos africanos.

---

<sup>9</sup> O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização pioneira na luta e conquistas da população negra no Brasil. A pauta principal do movimento é o fim da discriminação racial no país. Em cada região do Brasil ele assume uma organização diferente, de acordo com as necessidades de cada lugar. Desde a sua criação, ele conta com diversas conquistas como o reconhecimento do racismo como crime, a constituição do sistema de cotas, a inserção do debate da História da África no currículo escolar, a demarcação dos Quilombos e a instituição da comemoração de 20 de novembro, como o dia nacional da Consciência Negra, dentre outras.

<sup>10</sup> A capoeira é uma **expressão cultural e luta afro-brasileira** criada pelos negros africanos que foram escravizados em território brasileiro.

A roda de conversa foi bastante satisfatória. Porém, algumas crianças ainda não possuem o hábito de refletir, de expressar emoções e posicionamentos a partir de uma conversa. Muitos ficaram calados, mas plantar uma sementinha e regá-la possibilitará certamente uma colheita futura. Na Educação Infantil, a importância de valorizar o discurso da criança vem sendo valorizada desde o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), quando apontava que:

[...] a roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com aspectos mais formais da linguagem por meio de situações como ler e contar histórias, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis etc. (BRASIL, 1998, p. 138).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) também endossa que devemos, enquanto educadores, estimular as crianças a “Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens” (BNCC, 2018, p.38). As rodas de conversas são fundamentais para que as crianças se desenvolvam socialmente. Além disso, o debate coletivo pode despertar novos pensamentos e concepções, promovendo a construção social do imaginário das crianças por meio da contínua troca de conhecimentos.

Na Educação Antirracista, a roda de conversa pode auxiliar na valorização da história e da cultura do povo africano, além de dar ênfase a contribuição desses povos na construção do nosso país. A literatura é o meio de gerar esse debate, é a porta de entrada para o contato com outras narrativas, como evidencia Costa (et Al., 2019, p. 9), “a literatura infantil afro-brasileira colabora na construção de uma sociedade mais consciente, justa, na construção da identidade da criança e na formação de futuros leitores críticos e reflexivos que sejam capazes de analisar e buscar mudanças”.

Após esse momento de contação de história e debate, foi proposto a turma uma atividade em que eles pudessem expressar o que aprenderam em relação a história *Os Mil Cabelos de Ritinha* (2019). Os desenhos foram as fontes que registraram as impressões e aprendizagens das crianças sobre a aula vivenciada, eles foram são também lócus de pesquisa, imagens que podem denunciar experiências. Dessas atividades, escolhi uma amostra de dois desenhos, que representam parte das percepções das crianças coletadas sobre a história.

Foto 4



Foto 5



Fonte: Acervo Pessoal.  
2023.

Faria (2009, p.36-37) enfatiza que “[...] é importante lembrar que o leitor não precisa ser necessariamente letrado, ele pode participar do texto a partir da contação e recontação de histórias, das montagens das imagens, por meio de desenhos ou recortes, enfim, todas as atividades que envolvam o contato e a interação com os diversos gêneros textuais”. Diante disso, os desenhos também falam e expressam emoções.

São traços que apontam amizades, cabelos encaracolados que registram beleza e a casa amarela, recurso que utilizei na contação da história estiveram registrados nos desenhos. Ritinha estava neles, e por meio dela pude enxergar o quanto as crianças gostaram da personagem e da obra literária. Sua criatividade e espontaneidade gerou identificação nas crianças. Na foto 4, além de Ritinha encontramos sua mãe, fazendo seu penteado, numa paisagem emoldurada com flores e grama, além de nuvens e um sol. Na foto 5, é notório a presença de Ritinha e a casa amarela cheia de janelas como era visível na história. Ambos os desenhos possuem cores, e traços marcantes e cheios de significados.

Para finalizar a intervenção, realizamos uma atividade coletiva, enaltecendo o cabelo de Ritinha. Foi a parte que eles mais gostaram, pois proporcionou uma maior interação com toda a turma. A diferença passou a ser um traço divertido e valorizado. Cada criança deixou sua mão registrada no cartaz como parte do cabelo de Ritinha, formando sua cabelereira *Black Power*<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> O termo *black power* (poder negro), exerce papel fundamental na construção da estética e da identidade negra, identificando infinitas possibilidades de existência dos cabelos afros.

Foto 6



Foto 7



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Essa participação ativa em sala de aula promoveu novas descobertas e saberes, pois possibilitou o contato da turma com as questões étnico-raciais, não como algo distante e a parte de sua cultura, mas como algo próximo, que os familiariza e os identifica. Como enfatiza Gomes (2005), como educadores precisamos desenvolver mais atividades pedagógicas norteadas pelo debate das questões étnico-raciais, diversificando o currículo e gerando inclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a Lei 10.639/2003 destaca a obrigatoriedade do ensino da História e cultura africana e afro-brasileira no currículo, mas, mesmo assim, essa temática vem sendo discutida, na maioria das vezes, de maneira esporádica, por meio das datas comemorativas existentes no calendário escolar. Com essa pesquisa pude enfatizar o debate das relações étnico-raciais na Educação Infantil para além de uma área específica do conhecimento, mas como uma atividade transversal que transpassa o cotidiano escolar. A implantação da Lei, mesmo 20 anos depois, ainda enfrenta desafios, muitas vezes por ser negligenciada pelos próprios agentes escolares. Cabe a escola e aos docentes proporcionar a luta contra o preconceito e contra o racismo através das práticas pedagógicas vivenciadas no chão da escola.

A literatura infantil africana pode ser uma poderosa arma na promoção de uma educação antirracista, auxiliando na construção de estratégias educativas que combatam o preconceito e a discriminação. Com ela é possível proporcionar um mergulho na cultura dos povos africanos, enfatizando sua contribuição na constituição do povo brasileiro.

Por meio desse trabalho novas possibilidades metodológicas surgiram, como a realização de entrevistas com professores, a análise da percepção dos alunos por meio de mecanismos como a produção artística, a produção literária de autoria dos discentes etc., aspectos que serão considerados por mim numa pesquisa futura, de pós-graduação. Para este trabalho de conclusão de curso destaco a aprendizagem que adquiri por meio dessa experiência de pesquisa, que me possibilitou realizar uma intervenção na temática das relações étnico-raciais na escola Maria José de Albuquerque, me proporcionando novas experiências e conhecimentos, o que certamente acarretou a melhoria do meu potencial social e profissional.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 6 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998 (v. I, II, III).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. MEC/SECAD, Brasília, 2004. Disponível em: [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes\\_curric\\_educ\\_etnicoraciais.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_etnicoraciais.pdf). Acesso em 30 set. 2023.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 27 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CARVALHO, A. P, FILHO; N. M. **Educação literária das relações étnicos-raciais: uma proposta para as aulas de língua portuguesa**. 1º ed. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2020.

CARTH, John Land. **A Base Nacional Comum Curricular e a aplicação da política de Educação para Educação das Relações Étnico-Raciais** (afro-brasileira, quilombola, cigana), 2013. Disponível em <https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/artigos/A-BNCC2018-e-a-ERER.pdf>. Acesso em 31 de out., 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, et Al.. **Literatura infantil afro-brasileira e a prática pedagógica**. Revista RIT Inovação Tecnológica, Flamingo SP, V 9, N 1, p. 1-20, 30 ago. 2019.

FARIA, E. M. B. **Ler: Arte de ver, contar e (En) cantar**. In. A criança e as Múltiplas Linguagens na Educação Infantil. João Pessoa: Editora Universitária. UFPB, 2009.

MARTELLI, A. et Al.. (2020). **Análise de metodologias para execução de pesquisas tecnológicas**. Brazilian Applied Science Review.

MUNANGA, K; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando Racismo na escola**. 2º ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROCHA, F. R. L. da; COSTA, R. S. da; FRANÇA, J. S. (orgs). **Coletânea Uniafro: práticas pedagógicas em educação para relações étnicoraciais na educação básica**. Rio Branco: Edufac, 2021. E-book (244 p.). Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/ColetneaUniafropticaspedaggicasemeducaodasrelaestnicoraciaisnaeducaobsica.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SANTOS, C. S; SANTOS, T. P. S. **O papel da representatividade na literatura infantil afrobrasileira num quilombo aguabranquense**. Alagoas: UFAL, 2022.

SANTOS, M. C. S. et al. **O lúdico na contação de histórias: quando as palavras se transformam em brinquedos**. Anais V FIPED. Campina Grande: Ed Realize; 2013, p.4.

TROYNA, B; CARRINGTON, B. **Education, racism and reform**. London: Routledge, 1990.

**APÊNDICE – Plano de Aula**

<b>Tema</b>	Literatura afro-brasileira
<b>Campo de experiência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O eu, o outro e o nós</li> <li>• Corpo, gestos e movimentos</li> <li>• Escuta, fala, pensamento e imaginação</li> </ul>
<b>Habilidades</b>	<p>(EI02EO02). Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.</p> <p>(EI02EO05). Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.</p>
<b>Objetivos</b>	<p>Promover novos olhares a respeito as diferenças.          Enfatizar a identificação positiva da autoimagem de forma sensível e natural.          Construir reflexões sobre a cultura afro-brasileira</p>
<b>Conteúdo</b>	Literatura “Os mil cabelos de Ritinha”
<b>Duração</b>	4 horas
<b>Recursos didáticos</b>	Caixa papelão confeccionada com EVA, papel ofício, lápis colorido, tinta guache na cor preta.
<b>Metodologia</b>	<p>Contação de história “Os mil cabelos de Ritinha”, com o recurso “A casa amarela”.</p> <p>Conversar com as crianças que as pessoas têm cores diferentes, cabelos diferentes e todos devem ser respeitados, além de conhecer um pouco da cultura afro-brasileira.</p> <p>Atividade de produção de desenhos, sobre o que mais eles gostaram na história “Os mil cabelos de Ritinha”?</p> <p>Atividade relacionada com a história “Os mil cabelos de Ritinha”, evidenciando o cabelo que as crianças mais gostaram.</p>
<b>Avaliação</b>	Perceber se conseguiram compreender as diversidades culturais.
<b>Referências</b>	<p>“BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.”</p> <p>MONTEIRO, Paloma. Os mil cabelos de Ritinha. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora semente editorial, 2019,</p>